

Bloco Sudeste

Adivinhas

As adivinhas são perguntas enigmáticas, às vezes em formas poéticas. É praticamente impossível descobrir a autoria das adivinhas. Elas atravessam séculos, países, idiomas. São tradicionalmente orais, fazem parte da cultura popular. A fórmula mais popular para começar as adivinhas, no Brasil, é "o que é, o que é?".

Adivinhas

O que é, o que é?
Eles são três irmãos:
O primeiro já morreu,
O segundo vive aqui,
O terceiro não nasceu?

Resposta: O passado, o presente e o futuro.

O que é, o que é?
Enche uma casa completa,
Mas não enche uma mão,
Amarrado pelas costas,
Entra e sai sem ter portão?

Resposta: O botão.

O que é, o que é?
Tem chapéu, mas não tem cabeça.
Tem boca, mas não fala.
Tem bico, mas não belisca.
Tem asa, mas não voa?

Resposta: O bule.

Adivinhas de origem popular.

Orientações didáticas

Antes de realizar a leitura das adivinhas, organizar a sala em roda para facilitar a interação e a comunicação entre as crianças. Explorar os saberes da turma sobre o tema e estimular a manifestação do conhecimento que a criança já possui sobre as adivinhas – algumas contribuições sobre esse gênero literário podem ser fruto do convívio familiar.

Perguntar: “Quem conhece alguma adivinha?”. Ouvir o que eles têm a contar após esse momento, ler em voz alta as adivinhas coletadas. A participação da turma para tentar descobrir a resposta pode ser bem divertida, e as crianças vão ampliando e enriquecendo seus recursos de expressão e de compreensão.

Em seguida, propor que criem suas próprias adivinhas. A turma pode ser organizada em grupos, proporcionando parcerias produtivas.

Entregar a imagem de um objeto, animal, pessoa, fruta etc. para cada grupo. As crianças, de maneira coletiva, criarão uma adivinha para outro grupo descobrir (as imagens devem ser selecionadas e preparadas previamente).

Após a criação oral, com supervisão e intervenção, ler as adivinhas para as crianças ou ajudá-las a falar as adivinhas que criaram para os colegas. Organizar a dinâmica dos grupos, orientando sobre o momento de se expressarem e o cuidado para respeitar os outros no momento da escuta.

Encorajar as crianças a pesquisar com seus familiares outras adivinhas para, na próxima aula, compartilharem com a turma.

A proposta dessa vivência é desenvolver a expressão de ideias por meio da linguagem oral; construir o conhecimento sobre o gênero textual adivinha; ampliar as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação; e oportunizar a apreciação da cultura popular e do folclore brasileiro.

Congada

Congada (congados ou congos) é uma festa com procissão e dança que acompanha autos de origem brasileira, mas com influência de histórias que aconteceram em terras africanas. A coroação dos reis do Congo e suas lutas contra os inimigos fazem parte dos elementos que constituem os autos, além da lendária luta da rainha Ginga (Nzinga Mbandi, falecida em 1663) contra um chefe africano que trabalhava para os portugueses na época da escravidão. Esse folguedo ocorre em várias regiões do Brasil, mas a incrível história de Chico Rei, que supostamente deu origem às congadas, ocorreu em Minas Gerais.

Chico Rei

Galanga era um rei do Congo, na África, que, ao perder uma batalha, foi vendido como escravo para um dono de mina no Brasil, na região de Minas Gerais. Chegando lá, passou a ser chamado de Francisco e ficou conhecido como Chico. Ele trabalhava muito e também passou a esconder pó de ouro nos cabelos. Quando finalmente conseguiu a quantia suficiente para comprar a alforria, pediu ao patrão que libertasse seu filho, que também havia se tornado escravo. O rapaz, mesmo livre, continuava trabalhando para comprar a alforria para o pai. Depois, juntaram dinheiro e compraram a liberdade de um companheiro da mesma nação africana. E, depois, conseguiram a alforria de um quarto escravo.

Quando seu antigo patrão vendeu-lhe sua mina, que estava decadente, ela voltou a prosperar nas mãos de Chico. Dessa maneira, ele ia libertando várias pessoas que pertenciam à sua nação.

Com seu povo novamente reunido e livre, Chico voltou a ser o rei daquelas pessoas. Então, dentro de Vila Rica, outra cidade nascia, com ruas, várias casas e até uma igreja. Era o reino de Chico Rei, que governava com justiça e competência, sempre reservando parte do lucro de sua mina para continuar comprando a liberdade de outros escravos.

Em dias de festa, Chico Rei e seu povo iam à igreja do Alto da Cruz, que ele havia construído com seu próprio dinheiro. Após a missa, voltavam dançando e cantando. No dia de Nossa Senhora do Rosário, Chico Rei usava coroa e cetro, e sua corte trajava roupas bordadas a ouro. A rainha, esposa de Chico Rei, e as demais mulheres lavavam a cabeça na pia de pedra que havia na igreja. Como elas carregavam muito pó de ouro na cabeça, o ouro ficava ali no fundo da pia e era recolhido depois para comprar a liberdade de mais escravos. Chico era aclamado pelo povo como um verdadeiro rei.

Domínio público.

Orientações didáticas

Antes de ler o texto, investigar os saberes das crianças sobre a congada.

- Vocês conhecem a congada?
- Já assistiram a alguma encenação da congada? Sabem o que ela representa?

Como a cultura popular do Brasil apresenta uma diversidade de costumes, tradições e festas populares, relatar à turma que essa manifestação tem influência de histórias que aconteceram em terras africanas, sobretudo no Congo.

- Quem sabe onde fica o Congo?

Explorar algumas informações do país que influenciou as histórias da congada e apresentar algumas fotos atuais para que as crianças percebam que existem pessoas diferentes, outros grupos sociais e culturais. Com essas informações, as crianças podem ampliar o modo de perceber a si mesmas e aos outros.



Mariana Waechter

O Congo

No século XV, o reino do Congo dominou vários povos da região centro-oeste da África. No entanto, a partir do século XVI, com a presença europeia, a área tornou-se base do tráfico de escravos. Em 1891, o Congo passou a ser colônia francesa. Com o término da Segunda Guerra Mundial, em 1945, o país iniciou seu processo de independência, finalizado em 15 de agosto de 1960.

Localizado na porção centro-oeste do continente africano, apresenta 50% de sua área coberta por florestas tropicais. Se for possível, mostrar a localização do Congo em um mapa-múndi.

Após a leitura do texto “Chico Rei”, pedir às crianças que recontem a lenda do Chico Rei e explorar os sentidos do texto. Pedir às crianças que imaginem como era a vida de Galanga (Chico), rei do Congo, antes de chegar ao Brasil. Compartilhar alguns aspectos da vida de um escravo, para que as crianças compreendam por que Chico Rei comprava a liberdade deles.

Pedir às crianças que contem outras histórias de reis que já ouviram. Depois, incentivá-las a identificar semelhanças e diferenças entre essas histórias e a de Chico Rei.

O trabalho com a história e a tradição afro-brasileira amplia o universo de conhecimento das crianças, desenvolve a valorização da diversidade cultural e proporciona vivências para elas se manifestarem em oposição a qualquer forma de discriminação.

Passarai

Passarai ou **Passa, passa três vezes** é uma brincadeira muito popular entre as crianças pequenas e, apesar de ser realizada na região Sudeste, também é conhecida de norte a sul do país. A cantiga que a acompanha pode ter variações dependendo da região. Foi utilizada aqui uma variação conhecida na capital de São Paulo e em cidades vizinhas.

Passa, passa três vezes

Passa, passa três vezes
A última que ficar
Tem mulher e filhos
Que não pode sustentar
Qual delas será?
A da frente ou a de trás?
A da frente corre mais e a de trás ficará!

Cantiga popular.

Como brincar:

- Enquanto duas crianças dão as mãos no alto, formando um túnel, as outras em fila vão passando embaixo, todas cantando.
- Quando a música acabar, as duas que formam o túnel abaixam os braços, prendendo alguém. Elas perguntam: “O que quer do mundo?”. Pode ser brinquedo, fruta, comida, cor etc.
- Assim que a criança que foi pega responder, as duas que formavam o túnel sairão de perto para decidirem a opção de cada uma dentro do tema escolhido.
- Elas voltam e pedem para o participante escolher entre as duas opções, sem saber de quem é. Ao responder, deverá ir para trás da criança que havia escolhido a mesma coisa. Ganha quem tiver mais crianças em seu “time”.

Orientações didáticas

Antes da leitura do texto, levar as crianças para um espaço maior que o da sala de aula. Pedir para que sentem em roda e perguntar quem conhece a brincadeira “Passa, passa três vezes”. As crianças que conhecerem a proposta dessa brincadeira poderão comentar e ajudar a socializar as informações.

Após a leitura, formar duplas, comentar as regras novamente e então as crianças brincarão de “Passa, passa três vezes”.

Ao término da brincadeira, agrupar as crianças em círculo no chão e realizar uma rodada de socialização com o objetivo de desenvolver na turma a habilidade de comunicar suas ideias e seus sentimentos com desenvoltura a pessoas e grupos diversos. Alguns aspectos poderão ser contemplados:

1. Como foi brincar dessa forma?
2. De que maneira definiram “o que quer do mundo”?
3. Você conhece outras brincadeiras em grupo? Quais?
4. Como são as regras dessa brincadeira?

Por fim, pedir que realizem o registro dessa brincadeira por meio de desenhos e com escrita espontânea. Registrar também as regras da brincadeira. Esses registros poderão ser expostos em um painel.

Cantiga de roda

Terezinha de Jesus é uma das mais antigas cantigas de roda, vista também como cantiga de ninar, de origem possivelmente portuguesa. Está presente no Brasil inteiro e tem sofrido variações conforme a região e o tempo. A versão com cinco estrofes tem sido bastante encontrada em materiais impressos, mas é cada vez mais rara na cultura oral. Em Minas Gerais foi coletada uma versão bastante comum, com três estrofes.

Terezinha de Jesus

Terezinha de Jesus
De uma queda foi ao chão
Acudiu três cavaleiros
Todos três com chapéu na mão

O primeiro foi seu pai
O segundo, seu irmão
O terceiro foi aquele
que a Tereza deu a mão

Da laranja quero um gomo
Do limão quero um pedaço
Da menina mais bonita
Quero um beijo e um abraço.

Cantiga popular.

Orientações didáticas

Antes da leitura do texto, escrever a cantiga em um cartaz ou na lousa da sala. Informar que as cantigas de roda são uma tradição antiga. Comentar que essas brincadeiras eram realizadas na rua, em casa, na escola ou nos parques etc. Depois, perguntar:

1. Vocês conhecem alguma cantiga de roda? Se sim, qual?
2. Costumam brincar de roda? Com quem?

Deixar as crianças compartilharem suas ideias e pensamentos. Ler o texto da cantiga, apontando as palavras no cartaz ou no quadro, e ouvir a reprodução no formato de música. Neste momento, as crianças poderão cantá-la com o professor e perceber que, além de ser uma letra simples de memorizar, tem rimas, repetições e trocadilhos, o que a torna lúdica.

Utilizando o cartaz, propor que descubram onde estão algumas palavras da cantiga. Mesmo que não saibam ler, terão como encontrar algumas palavras apoiando-se em algumas letras conhecidas ou outros recursos que os ajudem a identificar as palavras.

Sublinhar as palavras descobertas e propor a identificação de outras que rimam na cantiga. Pode-se fazer o registro na lousa para que as crianças percebam as semelhanças na escrita.

Conduzir a turma para dramatizar a cantiga com uma brincadeira. Organizar as crianças em roda com uma delas no centro (Terezinha). Os três cavalheiros ficarão fora da roda e entrarão à medida que forem sendo apresentados na cantiga. O grupo se movimenta em giro cantando a música (pode-se utilizar alguns instrumentos musicais confeccionados com sucata para desenvolver o ritmo da cantiga). No fim da música, a criança (Terezinha) que está no centro escolhe seu cavalheiro com um aperto de mão. Para continuar a brincadeira, é só decidir quem será a nova Terezinha e os outros três cavalheiros. Com o corpo, por meio do movimento, as crianças exploram o espaço, estabelecem relações, expressam-se, brincam e produzem conhecimento sobre si, sobre o outro, sobre o universo social e cultural.



Marcos de Mello

Brincadeiras ao ar livre.

O velho e o tesouro do rei

O velho e o tesouro do rei é um conto muito popular no Rio de Janeiro, coletado da tradição oral por Sílvio Romero e transcrito em seu livro *Contos populares do Brasil*. A história foi trazida de Portugal, mas retrata bem a situação de desigualdade social das grandes cidades brasileiras. O Sudeste é a região que mais gera riqueza e atrai imigrantes, mas também a que mais possui esse contraste riqueza *versus* pobreza e violência.

O velho e o tesouro do rei

Havia um rei cujo tesouro foi roubado. Para recuperá-lo, disse que quem adivinhasse o ladrão do tesouro ganharia muito dinheiro como recompensa. Para pregar uma peça num homem velho muito pobre, que mal tinha o que comer, alguns homens maldosos disseram ao rei que o velho sabia quem tinha roubado o tesouro.

O rei mandou chamar o pobre homem e, como ele não pôde responder ao rei imediatamente, este lhe deu três dias para adivinhar, sob pena de morte. O rei deu ordem para os empregados tratarem bem o velho, dando-lhe do bom e do melhor.

No primeiro dia, um criado serviu as melhores comidas que havia no palácio para o velho, que comeu até não poder mais e disse: “Graças a Deus que já vi um”, referindo-se à melhor refeição que tivera em vida.

Esse empregado, que era cúmplice do roubo, ficou assustado com a frase do velho e contou aos outros dois culpados, que, para tirarem a prova, resolveram servir as refeições dos outros dias. Depois de ter comido e bebido bem no segundo dia, o velho, agradecido pela comida maravilhosa pela segunda vez, disse: “Graças a Deus que já vi dois”. O segundo criado já não tinha dúvidas de que o velho sabia do crime deles.

E, no terceiro dia, o homem pobre, sem nem mais se importar com a punição, tamanha era a felicidade de ter podido experimentar a vida de um príncipe, repetiu: “Graças a Deus que já vi três!”. Então o criado caiu de joelhos aos pés do velho, perguntando como ele sabia que ele e os dois colegas haviam roubado o tesouro do rei.

O homem velho não poderia ter sido mais feliz. Prometeu não entregar os ladrões. Apenas pediu que lhe entregassem o tesouro, já que estavam arrependidos. Ele devolveu o tesouro ao rei, que lhe retribuiu com grande soma em dinheiro. Os empregados tiveram medo e nunca mais quiseram roubar. E nunca entenderam como o velho soube de tudo.

Domínio público.

Orientações didáticas

Antes de iniciar a leitura do texto, propor uma conversa sobre o que deve tratar a história e deixar que as crianças arrisquem suas sugestões a fim de que antecipem possibilidades com base na leitura do título, o que possibilita maior envolvimento com a leitura ao tentarem verificar se as hipóteses se confirmam ou não.

Apresentar algumas características desse gênero textual. O conto popular é transmitido de geração em geração, oralmente, geralmente, apresentam situações incomuns e moral da história, ou seja, um ensinamento ou uma lição de vida.

Após a leitura do conto popular, conversar com a turma para promover a exploração oral dos sentidos do texto discutindo aspectos da história, verificando se as hipóteses levantadas inicialmente se confirmaram ou não. Seguem algumas sugestões de questões sobre a história:

1. Por que o homem velho e pobre foi escolhido para contar quem roubou o tesouro do rei?
2. O que vocês acharam da atitude dos homens?
3. Como o homem velho descobriu os culpados pelo roubo do tesouro do rei?

4. Como terminou o conto para todas as personagens?

5. O que vocês acharam do final da história? Mudariam alguma coisa?

As crianças podem realizar, em grupos, a escrita de algumas palavras do texto: rei, homem velho, ladrões, palácio e tesouro. Incentivá-las e registrar as palavras da maneira que souberem. Mesmo que o resultado final não apresente a escrita convencional, é possível oportunizar a compreensão da escrita como representação da oralidade e observar as hipóteses de escrita das crianças.

Pão de queijo

Pão de queijo é um dos bolinhos mais saborosos da culinária de Minas Gerais, conhecido hoje em todo o Brasil e até no exterior. A origem é incerta, mas acredita-se que o primeiro foi feito no século XVIII na região da serra mineira, onde os alimentos chegavam com dificuldade. Além disso, a farinha de trigo era muito mais cara, pois era importada de Portugal. Por isso, o polvilho, feito da mandioca, tornou-se uma opção mais acessível para o pãozinho, que levava também restinhos de queijo como maneira de se aproveitar toda a produção.

Pão de queijo tradicional

Ingredientes:

200 ml (ou 1 copo americano) de água;

200 ml (ou 1 copo americano) de óleo vegetal;

200 ml (ou 1 copo americano) de leite fresco;

Uma pitada de sal;

500 g (ou 3 ½ xícaras) de polvilho azedo;

100 g (ou 1 xícara bem cheia) de uma mistura de queijo parmesão ralado com queijo minas picadinho;

2 ovos tipo caipira.

Modo de fazer:

Pedir a um adulto para ferver, numa panela média, a água, o óleo, o leite e o sal.

Depois, ele deve jogar esse líquido ainda quente no polvilho, até conseguir sovar (formar uma massa).

Quando a massa estiver morna, acrescentar os queijos e os ovos caipiras, sovando.

Untar as mãos com óleo caso prefira fazer bolinhas com elas. Ou usar uma colher.

Colocar as bolinhas em uma forma untada com óleo, deixando espaços entre elas, e levar ao forno preaquecido a 180 °C por cerca de 35 minutos ou até os pãezinhos ficarem dourados.



Marcelo_Krelling/Shutterstock.com

Pão de queijo.

Orientações didáticas

Após a leitura da receita, comentar que o pão de queijo pode ser comido no café da manhã ou no lanche da tarde. Perguntar se conhecem todos os ingredientes desta receita culinária e fazer as intervenções necessárias para que todos compreendam a sequência de ações necessárias à elaboração do pão de queijo. Comentar que receita culinária é um texto instrucional que informa como preparar um prato.

Organizar um momento para realizar a receita com a turma para que possam perceber a função social do texto instrucional, desenvolver o conhecimento de medidas, números e quantidades. Antes de iniciar o preparo do pão de queijo, perguntar:

1. Alguém já comeu pão de queijo? O que achou dessa iguaria?
2. Quais alimentos são mais comuns no seu café da manhã ou na hora do lanche?

Reescrever a receita em um cartaz para que as crianças observem as instruções passo a passo. Conversar com elas sobre os cuidados que devem ser tomados na cozinha – é importante que apenas os adultos realizem o manuseio do fogão – e lembrá-los de dar atenção à higiene antes de manipular alimentos (levar a turma para realizar a higienização das mãos e prender os cabelos). Durante a primeira parte da receita, as crianças apenas observarão. Elas farão as bolinhas do pão de queijo com a massa. Depois de pronto, distribuir os pães igualmente e deixar as crianças apreciarem. Pedir que comparem as características do pão antes e depois de assar, listando-as oralmente. É importante que elas percebam que o calor transformou a massa do pão e a massa ficou mais crocante provavelmente.

Pipa

Pipa, ou papagaio, hoje é conhecida como um brinquedo de criança, mas já foi usada na China, há milhares de anos, como instrumento militar para enviar mensagens, nessa época era feita de seda e bambu. Cientistas como Leonardo da Vinci projetaram máquinas voadoras com base nas pipas, e Benjamin Franklin fez experiências sobre eletricidade com esse mesmo objeto. Seu nome pode variar de acordo com seu formato ou a região. No Sudeste, além de pipa, pode ser chamada também de quadrado, papagaio, estilão, pião e maranhão.

Materiais:

- Papel de seda
- Cola
- Varetas
- Tesoura
- Saco plástico
- Linha 10.

Como montar a pipa:

Posicionar uma vareta na horizontal e duas varetas um pouco menores na vertical, passando por aquela que está na horizontal.

Passar a linha onde as varetas se encontram, amarrando-as. Passar também a linha em todas as extremidades, fazendo o contorno da pipa.

Aplicar cola nessa armação e colocar o papel de seda por cima, com cuidado. Com o papel colado na armação, recortar os excessos ao redor e as pontas, e depois passar cola em toda a extremidade, dobrando-a para dentro, fazendo, assim, o acabamento.

Amarrar com a linha as duas extremidades da vareta maior para fazer o estirante. No meio do estirante, amarrar a ponta da linha do carretel (depois de já ter tirado um pedaço da linha para a rabiola).

Para fazer a rabiola, enrolar o saco plástico e cortar vários pedacinhos finos com a tesoura, fazendo tirinhas. Amarrar as tirinhas em um pedaço de linha e prendê-las na extremidade da pipa.

Como brincar:

- Desenrolar um pouco da linha do carretel, esperar vir um vento bom e levantar a pipa, segurando-a pela extremidade em que está amarrada à rabiola.
- Soltar a pipa no ar, já dando mais linha aos poucos para a pipa pegar altura. Se tiver um ajudante para segurar a pipa com mais distância do carretel, melhor.

Cuidados:

Não soltar pipa em ruas em que passam carros, perto de fios de eletricidade ou em cima de lajes e outros locais altos, de onde haja risco de queda. Também ficar de olho nas nuvens: qualquer ameaça de relâmpago ou chuva, recolher a pipa e deixar para brincar em outro momento.

Orientações didáticas

Ler o texto para as crianças. Depois, propor a elas que pesquisem outros nomes dados à pipa nas demais regiões do Brasil. Essa pesquisa pode ser registrada em um cartão ou papel para desenho preparado previamente. Orientar os responsáveis a auxiliar as crianças nesta pesquisa, e informar que elas podem criar um desenho e o adulto escrever as informações.

Organizar a turma em roda e proporcionar um momento para conversarem sobre essa brincadeira e para socializarem as pesquisas realizadas.

Após a leitura dos textos, conversar com as crianças sobre essa brincadeira e os cuidados necessários para garantir a integridade delas. Propor a construção desse brinquedo, utilizando as orientações presentes no texto instrucional.

A atividade deve ser realizada seguindo as orientações do texto, passo a passo, com as intervenções necessárias para ajudar as crianças quando apresentarem dificuldade na construção do brinquedo.

Ao final, pode-se levar a turma para brincar de pipa na área externa da escola. É importante resgatar a leitura dos textos “Como brincar” e “Cuidados” nesse momento. Organizar uma exposição com as pesquisas realizadas pela turma e com as pipas confeccionadas com o objetivo de compartilhar suas descobertas com a comunidade escolar.



Ronald Martins

Gato mia

Gato mia é uma brincadeira de esconder presente em todas as regiões do Brasil. Ela também sofre adaptações dependendo do lugar, e no Sudeste encontram-se muitas variações de um estado para outro. Em São Paulo, por exemplo, é conhecida como “Gato mia”, e o pegador fica com os olhos vendados procurando as demais crianças. Em Minas Gerais, a brincadeira chama “Mia, mia, meu gatinho” e, em vez de venda nos olhos, o pegador entra em um quarto escuro onde as crianças estão escondidas.

Como brincar:

- Para brincar, escolhe-se um quarto ou outro lugar que fique bem escuro e que não tenha objetos perigosos.
- Um participante fica do lado de fora do cômodo, enquanto os outros se escondem. O quarto deve estar totalmente escuro.
- Quando tocar em alguém, deve dizer: “Mia, mia, meu gatinho!”. A criança mia, disfarçando a voz. Se o pegador descobrir quem é, o “gato” pego, será o novo pegador e a brincadeira recomeça. Se errar, continua atrás de outros “gatinhos”.

Orientações didáticas

Para a realização dessa proposta, será preciso organizar os espaços para cada etapa das atividades. Confeccionar uma máscara de gato, separar materiais para pintura e arrumar uma sala ou espaço para fazer a brincadeira.

Antes da leitura, realizar um levantamento do conhecimento sobre brincadeiras populares que a turma conhece.

1. Quais brincadeiras vocês conhecem que podem ser feitas em grupo?

2. Quais as regras dessas brincadeiras?

Escrever o nome das brincadeiras na lousa ou em papel *kraft*, em forma de lista, para que as crianças possam acompanhar a escrita das palavras e perceber alguns aspectos importantes para a aquisição da língua escrita (relação do som e da letra; reconhecer letras, como a de seu nome ou nome de outra criança; perceber a quantidade de letras das palavras).

Escolher algumas brincadeiras mencionadas e pedir que expliquem como se brinca. Perguntar se conhecem a brincadeira “Gato mia” ou “Mia, mia, meu gatinho” e pedir que expliquem como se brinca. Podem surgir variações do modo de brincar, mas considerar e valorizar todas as informações e o conhecimento da turma.

Realizar a leitura do texto e promover a comparação do modo de brincar oferecido pelo texto com o conhecimento da brincadeira pelas crianças.

Oportunizar também uma conversa sobre o nome da brincadeira, que pode variar de um local para outro. Alguns aspectos podem ser trabalhados com base na leitura dos textos:

1. A forma que o texto explica como brincar é parecida com a maneira com que vocês já brincaram?

2. Quais diferenças ou semelhanças vocês perceberam entre as brincadeiras citadas?

3. Essa brincadeira é parecida com outra brincadeira popular?

Organizar as crianças para a brincadeira. Explicar que algumas adaptações serão realizadas para que a turma possa brincar no espaço da escola. Uma venda será usada para cobrir os olhos do pegador. É importante que o local em que a brincadeira será realizada não tenha obstáculos que possam causar acidentes para quem estiver vendado.

Algumas brincadeiras promovem diversas formas de utilizar os sentidos e possibilitam maior conhecimento sobre si e sobre os outros.

Após a brincadeira, pedir às crianças que compartilhem o que sentiram, comentem se gostaram ou não da brincadeira, contem se desejam brincar novamente.

Bauru

Bauru é o sanduíche mais tradicional da cidade de São Paulo e foi criado na própria cidade, embora leve um nome semelhante ao de uma localidade no interior do estado. Entre as típicas comidas rápidas do dia a dia corrido de uma metrópole, como os famosos sanduíches de mortadela ou pernil do Mercado Municipal e os pastéis com caldo de cana nas feiras, é impossível algum paulistano não conhecer o bauru. Quem acabou criando esse sanduíche foi Casimiro Pinto Neto, estudante de Direito no Largo São Francisco, ele era conhecido como “bauru”. O estudante, certa vez, pediu que tirassem o miolo do pão francês, colocassem queijos derretidos, depois rosbife e, para finalizar, umas fatias de tomate, pickles de pepino e orégano. Isso foi em 1936, num bar tradicional da capital, frequentado por grandes personalidades formadoras de opinião desde a Semana de Arte Moderna, quando foi inaugurado. A partir daí, os amigos quando queriam experimentar aquele sanduíche pediam o tal do bauru, e o nome ficou.

Sanduíche bauru

Ingredientes:

- 1 pão francês;
- 70 gramas ou 6 fatias finas de presunto;
- 3 rodelas de tomate;
- Sal e orégano a gosto;
- 300 ml de água;
- 1 colher (sopa) de manteiga;
- 100 g de queijo muçarela;

Modo de preparo:

Cortar o pão francês ao meio e retirar o miolo da parte superior, como se fosse uma pequena canoa; na metade inferior, colocar as fatias de presunto (ou rosbife), além das rodelas de tomate, polvilhando com orégano e sal a gosto.

À parte, aquecer a água em uma frigideira. Antes de ferver, acrescentar a manteiga e os queijos. Mexer até ficar homogêneo. Colocar o queijo derretido na metade superior do pão, unindo as duas partes. O pão não é aquecido, mas o calor do queijo vai aquecer os demais ingredientes.

Orientações didáticas

Reescrever o texto na lousa ou no papel *Kraft* e apresentar às crianças, mas não realizar a leitura. Perguntar:

1. Que tipo de texto é esse?
2. Para que serve esse texto?
3. O que esse tipo de texto possui de diferente?

Espera-se que as crianças reconheçam que é uma receita ao observarem a estrutura textual.

Após a leitura, retomar alguns aspectos importantes desse gênero textual: texto instrucional, receita culinária.

1. Quantas partes tem a receita?
2. Para que serve cada parte?

Espera-se que comentem a importância das instruções para a realização da receita e a necessidade de leitura prévia. Para que uma receita seja feita com sucesso, é preciso ler e seguir passo a passo as orientações e verificar se tem os ingredientes necessários antes de iniciar. Perguntar:

1. Por que precisamos de receitas?
2. Quem pode utilizar receitas?
3. Onde podemos encontrar receitas?

Levar a turma para um espaço apropriado e ler a receita do bauru para realizá-la passo a passo. Neste caso, a receita sofrerá algumas adaptações para que consigam realizá-la até o final, inclusive não aquecer a manteiga e o queijo.

Ressaltar algumas dicas importantes, como higienizar as mãos antes de manipular os alimentos; prender os cabelos para evitar que os fios caiam na comida; seguir as orientações da receita.

Organizar a turma para a realização da receita, ler a lista de ingredientes e pedir que confirmem se está tudo certo. Depois ler o modo de preparo passo a passo, com as adaptações necessárias. Realizar intervenções para ajudar as crianças, caso seja necessário.

Propor às crianças que organizem o espaço onde vão comer. Incentivá-las a pensar nos utensílios necessários como: pratos ou guardanapos; copos; toalha de mesa, entre outros, além de verificar se local está disponível e limpo.

Para finalizar a vivência, propor à turma que realizem um registro da receita em forma de desenho – podem também utilizar os números para registrar as quantidades e a escrita espontânea.

Marcha carnavalesca

A **marcha carnavalesca**, assim como o samba, iniciou-se no carnaval carioca. Antes de existirem as atuais escolas de samba que hoje são as responsáveis pelo grande evento que é o desfile nas capitais do Rio de Janeiro e de São Paulo, havia os cordões carnavalescos, grupos que se encontravam para brincar juntos e festejar o Carnaval nas ruas. Eles possuíam títulos e cores definidos, mas não havia uma música específica para acompanhá-los. Além de percussão e gritaria, eram emprestadas para a festa cantigas de roda, trechos de ópera, hinos, canções folclóricas etc. Mas, em 1988, a maestrina Chiquinha Gonzaga, inspirada pelo ensaio do cordão Rosa de Ouro próximo à sua casa, compôs uma música que dali em diante passaram a cantar, foi assim que surgiu a primeira canção carnavalesca brasileira, que até hoje anima os blocos de rua no Carnaval da região Sudeste: **Ó abre alas**.

Ó abre alas

Ó abre alas!

Que eu quero passar (bis)

Eu sou da lira

Não posso negar (bis)

Ó abre alas!

Que eu quero passar (bis)

Rosa de Ouro

É que vai ganhar (bis)

GONZAGA, Chiquinha. **Ó Abra alas**. Disponível em:
<<https://chiquinhagonzaga.com/wp/o-abre-alas-o-hinocarnavalesco/>>. Acesso em: 25 jan. 2018.



Chris Borges

Orientações didáticas

Após a leitura dos textos, escutar a canção **Ó abre alas** e propor que tentem cantar enquanto ouvem. Permitir que dancem livremente, inventando coreografias ou imitando passos dos colegas e de outros adultos.

Essa vivência tem o objetivo de desenvolver a apreciação musical da cultura brasileira, a coordenação motora por meio da percepção do ritmo, a interação e a socialização com o outro.

Conversar com a turma sobre a compositora da música, Chiquinha Gonzaga, compositora e maestrina, nasceu no Rio de Janeiro, em 1847. Destacou-se na história da cultura brasileira, foi uma excelente pianista.

Para mais informações sobre a vida e a obra de Chiquinha Gonzaga, sugerimos o seguinte texto:

- **Biografia**. Disponível em: <<http://chiquinhagonzaga.com/wp/biografia/>>. Acesso em: 25 jan. 2018.
- **Ó Abre Alas** (Marchinha de Carnaval). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gu7Bdf7oiC8>>. Acesso em: 25 jan. 2018.

Referências bibliográficas

- 10 DELICIOSAS comidas típicas da região Sudeste do Brasil. **Guia do nômade digital**. Disponível em: <<http://guiadonomadigital.com/comidas-tipicas-da-regiao-sudeste/>>. Acesso em: 2 nov. 2017.
- AZEVEDO, Ricardo. **Cultura da terra**. São Paulo: Moderna, 2008. pp. 42, 143.
- BAR que colocou o lanche bauru no mercado completa 90 anos. **G1 Bauru e Marília**, 29 mar. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2012/03/bar-que-colocou-o-lanche-bauru-no-mercado-completa-90-anos.html>>. Acesso em: 2 nov. 2017.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. p. 13-15; 242-244.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Lendas brasileiras**. 9. ed. São Paulo: Global, 2003. p. 111–114.
- MACHADO, Ana Maria (Org.). **O tesouro das cantigas para crianças**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- MAPA do brincar. **Folha de S.Paulo**. Disponível em: <<http://mapadobrincar.folha.com.br/brincadeiras/regioes.shtml>>. Acesso em: 1 nov. 2017.
- MARANGON, Cristiane. Diversão de antigamente que ainda hoje encanta. **Nova Escola**. Notícias, 1 nov. 2007. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/68/diversao-de-antigamente-que-ainda-hoje-encanta>>. Acesso em: 1 nov. 2017.
- NOME das pipas. Equipe Silvio Voce. Disponível em: <www.pipas.com.br/nome-das-pipas/>; O voo por um fio. In: Superinteressante. História, 31 out., 2016. Acesso em: 2 nov. 2017.
- Ó ABRE ALAS, o hino carnavalesco. Chiquinha Gonzaga. História, memórias. Disponível em: <<https://chiquinhagonzaga.com/wp/o-abre-alas-o-hino-carnavalesco/>>. Acesso em: 2 nov. 2017.
- PÃO de queijo tradicional de Minas Gerais. **Receitas GNT**, 24 out. 2012. Disponível em: <<http://gnt.globo.com/receitas/receitas/pao-de-queijo-tradicional-de-minas-gerais.htm>>. Acesso em: 2 nov. 2017.
- RECEITA do pão de queijo surgiu na serra mineira e veio por necessidade. **Globo Repórter**, 27 set. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2014/09/receita-do-pao-de-queijo-surgiu-na-serra-mineira-e-veio-por-necessidade.html>>.
- ROMERO, Sílvio. **Contos populares do Brasil**. Coleção Acervo Brasileiro. vol. 3. Jundiaí: Cadernos do mundo inteiro, 2017. Disponível em: <<http://cadernosdomundointeiro.com.br/pdf/Contos-populares-do-Brasil-Silvio-Romero-Cadernos-do-Mundo-Inteiro.pdf>>. Acesso em: 2 nov. 2017.
- SALERMO, Silvana. **Viagem pelo Brasil em 52 histórias**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2006. p. 103-105; 117-119.
- SANDUÍCHE Bauru. Comida. **Folha de S.Paulo**. Disponível em: <<http://receitas.folha.com.br/receita/212>>. Acesso em: 2 nov. 2017.
- VAMOS soltar pipa? Omo. Se sujar faz bem, brincadeiras. Disponível em: <www.omo.com.br/se-sujar-faz-bem/brincadeiras/vamos-soltar-pipa.html>. Acesso em: 2 nov. 2017.